



Visto pela Censura do Porto

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Ano VI—N.º 137
Preço 1\$00

Redação, Administração e Propriedade — Casa do Galato
PAÇO DE SOUSA

Director e Editor: — Padre Américo
28 de Maio de 1949

Comp. e Imp. Tip. Nun'Alvares-R. Santa Catarina, 628-Porto
Vales do Correio para CETE

AQUI, LISBOA!

A QUEIMA DAS FITAS DO PORTO

QUEM assentou arraiais em Lisboa na luta pela vida, ou quem por cá peregrina buscando para espírito saturado, o merecido repouso dum ano de trabalho, não tem tempo nem olhos para observar o que vai por detrás das lindas fachadas, nem o que de lá desce à praça pública.

Nós que vivemos o problema dos pobres e dos seus filhos, podemos não dar fé das obras de arte que toda a gente admira, mas não podemos dar um passo sem esbarrar constantemente com as chagas sociais da capital. Apesar das sábias leis que saem do Governo contra a mendicidade, por exemplo, e da cuidadosa vigilância da Polícia, que reuniu nos seus Albergues milhares de mendigos, nós vamos topar com a mão estendida nos lugares da mais flagrante provocação: Terreiro do Paço, Praça do Brasil, Hotel Aviz etc. Limpasse a fachada, mas a fachada reaparece sempre suja.

Donde vem tanta gente? Como vive! Que educação recebe?

Como estes não são problemas de fachada, não se cura suficientemente deles; daí o desmoronamento. O mundo dos Pobres desmorona-se. Mas é que se desmorona mesmo!

Os Padres da Rua (que não receberam este nome por estarem descansados em casa a dirigir os donativos que recebem) tem de calcurrear com frequência os carreiros do tugúrio. Chegam-nos mensagens de toda a espécie: é a Rua que chama por nós.

Podemos portanto dar testemunho do que vemos. Sentimos até uma necessidade imperiosa de o fazer. E' o bem comum que o exige. Felizmente há já quem comece a reconhecer a obrigação de atalhar a gangrena que alastra. — «Padre, diga-nos coisas de Lisboa. Não se cale... Há muitas coisas que desconhecemos». Cá estou eu a dizer.

Precisei, um dia destes, de fazer um inquérito sobre a proveniência de dois rapazitos que nos tinham chegado, dos lados de Alcântara. Um perdeu a mãe, e dormia alternadamente debaixo da madeira desembarcada no cais, e nos portais do Largo do Calvário. Admiro-me como tão lindo nome escapou. Muitos rapazinheiros tenho visto por ali que devem passar um duro calvário. Este era um deles. O outro dizia que tinha vindo do Pátio Santos.

Lá fui procurar o Pátio Santos.

Isto de encontrar entre milhares de ilhas uma porta sem número, não é tarefa fácil.

Logo ao dobrar o terreno perigoso das latas, dou de frente com um grupo de crianças seminuas de volta com um monte de cascas de ervilhas. Seria o almoço daquele dia. Pergunto pelo Pátio Santos. Ninguém sabe, mas todos querem ir comigo à procura do pátio.

Eu bem enxotava, mas o grupo crescia. Enquanto uns ficam para trás, à frente já estão outros à espera. Era a novidade.

Passo como estrela cadente. A todos pergunto pelo Pátio Santos, e as respostas são sempre contraditórias. Uns dizem que era para cima, outros para baixo. Desço a um vale, subo outra encosta. Ilhas à direita e à esquerda; o esgoto circula livremente pelas ruas como as almas em podridão. Todos querem esclarecer mas ninguém sabe. Por fim aparece uma pobre mulher a orientar:

—Pátio Santos, deve ser ali. E' lá que estava uma pessoa doente. Se o Sr. Prior confessa de graça pode lá ir. Aproveitei logo a oportunidade. Entro num casebre, onde uma pobre mãe agoniza. Já não fala nem ouve. Faz sinal de que queria comungar. Era tarde. A Providência levou-me ali, naquela hora, para dar-lhe ao menos uma última bênção. O marido está sentado num calxote, à espera da última hora da esposa. Não há nada na barraca. Ele estava desempregado. Atraí-me a atenção um frasco de remédio.

—Foi a Misericórdia que deu, esclarece o homem. Era a primeira vez que encontrava o rasto da Misericórdia, no Tugúrio. Desde que ela passou às mãos da burocracia, secou a fonte de caridade e começou o manancial dos papéis. Ainda bem que há mais do que papéis. Esboça-se a reacção. E' preciso que a caridade volte às mãos de quem saiba amar a Deus e ao próximo. Amar sem fazer contas nem Política.

Continuei a pesquisa.

—Pátio Santos?

—E' ali, dizia um.

—Não é nada: é acolá! acrescentava outro. E lá ando eu de Herodes para Pilatos, sempre atento à miséria do bairro. Era isso mesmo que eu queria observar.

Por fim dei com ele.

Não estava quem eu procurava. Já não somos desconhecidos. Recebem-nos com carinho.

—Aqui fala-se muito no Sr. P.º Américo; ele tem lá um rapazinho daqui. Se não fôsse a caridade... Ainda bem. A pessoa pouco importa. A caridade é que é tudo.

Agora era preciso procurar o bico da saída. Antes disso, queria deixar uma lembrança às crianças do pátio. Um homem com um cabaz de nêspers oferece oportunidade.

Começo a distribuí-las ao grupo dos presentes. Apenas o primeiro se absteve corre logo a chamar os companheiros. O monte cresce momento a momento. Desperta a atenção. Um polícia acode julgando que se trata dalgum motim. O rosto muda-lhe de expressão ao deparar com o espectáculo. Ele mesmo forma a bicha que continua a crescer.

Muitas varinas, das que movimentam as ruas de Lisboa, e que por ali moram, acodem com os filhos nus nos braços. Alegam-se com a alegria das crianças. A taberna fica vazia. Caras esqueléticas que ainda há pouco troçavam do padre assomam risonhas. Tiram o boné e agradecem em nome dos filhos.

Mais de cem tinham enfileirado na bicha. Retirei triste, triste. E mais triste fiquei quando o taberneiro alinha ao meu lado, indicando-me a saída.

—E' a primeira vez que aqui vem?

—Sim; respondo.

—Então não faz ainda ideia do que isto é. Aqui é o enxuro do país. Tudo quanto Lisboa vomita, vem aqui ter. A polícia é que não deixa contruir mais barracas. Se aqui viesse à tarde veria mais 500 crianças...

Bem pode a Igreja e a Pátria chorar a ruína de tantas crianças a braços com a promiscuidade, o analfabetismo, a nudez, a viela, a taberna etc.

Cá fora, ao reencontrar a civilização, parecia-me que tudo tinha mudado de cor e forma: as avenidas pareciam-me tortas e escuros os prédios.

Diziam os jornais do dia, que a melhor coisa da festa foi a lembrança da comissão em ter vindo aqui buscar cinquenta rapazes e percorrer com eles as ruas, saca na mão. Sendo esta a opinião do público, certo é que nos anos seguintes a Queima das Fitas há-de ter no seu programa este número alvoroçante. Não foi às primeiras que eu disse que sim. Gostei da ideia, mas tive medo das consequências. E' a experiência; a experiência das comedelas.

E falei disto, com toda a franqueza às raparigas e rapazes da comissão. Disse duma comedela do orfeão de Coimbra; e calando muitas outras, fui buscar a soberba; a valente comedela da fita «Não há rapazes maus». Os membros da Comissão escutaram-me. Responderam-me que muito desejavam na festa deles um complemento de belesa que enchesse a alma deles e de todos os portuenses. E assim aconteceu. Todos quantos viram e participaram, são testemunhas dessa beleza. Não é preciso encarecê-la. Pouco menos de 50 contos.

E' a criança; são as crianças. Foi por elas que chamou o Filho de Deus no início da sua Missão de Salvador. Uma coisa que também há-de interessar muito aos nossos leitores, é o saberem que tudo quanto deram para a saca de cada um, reverteu em benefício total da Obra da Rua.

No próximo ano e mês de Maio, voltaremos ao assunto.

E' assim que o pobre deve olhar para o progresso.

Li nos jornais de hoje, que mais uma cadeia ia ser contruída por 20 e tal mil contos. Gostaria de ver, ao lado, igual verba para habitações de pobres, creches, casas de trabalho, patronatos; aliás bem podem construir-se cadeias que nunca serão suficientes para o número sempre crescente de criminosos.

Mas não quero ser pessimista. Alguma coisa se faz por aquela gente. Impressiona-me a cara lavada de alguns rapazinheiros. Perguntei se eram do bairro.

Responderam que sim, mas frequentavam as Oficinas de S. José. Petizitas igualmente asseadas responderam que frequentavam a Creche das Senhoras. Alguns bairros de casas económicas vão também substituindo algumas fúrnas.

Ao chegar a casa encontro também uma carta das Conferências de S. Vicente de Paulo, da freguesia de Santa Isabel, a que o bairro pertence. A Misericórdia acode igualmente.

Gostaria de ver mais. Aquelas 500 crianças pedem mais. Nós temos obrigação de lhes acudir.

P.º ADRIANO

A NOSSA TIPOGRAFIA

Atrazado 155 contos

E de Famalicão. E de Lisboa. E uma libra em oiro de Vila Real: *Uma estudante terceiranista do Liceu de Vila Real, oferece para a ajuda da nossa tipografia.* Mais uma de Coimbra a valer por dois. E da Foz. E do Porto: *E' o ardente desejo de meu marido e meu.* Que ninguém separe aqueles que Deus juntou; eis o imperativo do matrimónio. Do sacramento do matrimónio, que recebe da Igreja a força e a graça. Este casal sabe esta doutrina. E de Tortozendo meia razão. E de Ponte da Barca. E de Lisboa. E uma futura professora dos arredores de Lisboa que espera chegar aos cem com a primeira prestação de vinte que agora manda. Outra vez Lisboa; *só depois de um aumento de ordenado é que arranjei possibilidade de enfileirar.* Estes são os gonzo da humanidade. A' volta disto, tudo gira suavemente, docemente; eu ia a dizer divinemente. Sem isto, até mesmo o que parece progredir, recua. E do Porto. E de Esposende; é uma. E outra vez Esposende. E' um Cónego; estou admirado! E de Coimbra; *tive de juntar pouco a pouco.* Mais gonzo; mais gonzo. E' uma creada de servir, que diz na carta ter muita pena dos sem mãe por ter perdido a sua quando era pequenina. Ao sacrifício que fez em ter mandado cem escudos, junta o amor que lhe vai no peito. Que saibam estimar esta creada os senhores a quem ela serve; e que a sirvam quando ela precisar. Outra vez Coimbra com meia dose. E o Porto; *retirei duma gratificação do meu trabalho.* Eu não sou digno de receber estas notícias, nem tu não és digno de ler estas notícias. Diante destes heróis do sacrifício, que o mundo se curve, bata no peito e adore. Adore a cruz e nela, crucificado, o Homem das Dores. O Único responsável por estes sentimentos. Eu gostaria que durasse muito tempo; que fosse quase interminável este cortejo para o bem da Humanidade. E um do Porto a pagar a segunda e a terceira prestações. Mais um que sabe amar à maneira dos cristãos. E Lisboa. Mais Lisboa com meia razão e Sangalhos. E' o pároco; *também quero ir na procissão.* E Póvoa do Lanhoso. E' um médico; *para a hoste dos cinco mil.* Tantos nomes que tem esta fileira! E da Povoia da Galega. E do Sabugal. E Braga; *compreendo as responsabilidades que me cabem neste negócio.* E Viseu com metade. E outra vez Vila Real. Coimbra a valer por meio. E mais Coimbra na marca. E Porto com uma subscrição de 80\$50. *E' um magote.* Na hoste vão magotes mas é tudo gente de bem. Mais seis irmãos de Medrões a valerem por quatro. Foram buscar as notas aos seus mealheiros. O mais velho tem dez anos. Com estes agora e outros que vêm lá traz, não se pode garantir ordem na bicha. Eu sei por experiência... E o Porto; é um estudante de medicina que tira vinte escudos à sua bolsa de estudante. A carta que trazia a nota, é de ler, meditar e louvar o Criador nas suas criaturas. Eu queimo tudo. Eu amo o silêncio. Se este rapaz vier aqui ler e, por isto que eu digo, se identificar, saiba que sou eu; eu que lhe peço a ele o que ele me pede a mim. E esta carta de Leiria.

....., 21 de abril de 1949.

Já ando há bastante tempo para mandar a importância que me dê direito a entrar no cortejo da Tipografia a que v. já chamou «procissão» por levar bastantes padres.

Desculpe vir tão tarde e deixe entrar mais um que já podia ter chegado há mais tempo. Pode ser que ainda volte a enfileirar se isto levar muito tempo a passar. Sim, eu queria ser generoso e desapegado.

Chega muita gente aí a dizer que tem grande vontade de dar mas que não podem. Eu não posso falar assim e quando medito a sério tremo das contas que tenho de dar ao Supremo Juiz. Graças a Deus não sou rico mas também graças a Ele nunca nada me faltou e é daquilo que me cresce que eu queria ser desprendido sem me preocupar com o futuro que a Deus pertence. Quem dera que os homens e em primeiro lugar nós, sacerdotes, tivéssemos fé plena na palavra do Senhor, que nos garantiu que nada nos havia de faltar desde que procurássemos em primeiro lugar o seu Reino. Pena é que tantas vezes sejamos ou pelo menos pareçamos mais mercenários do que pastores, motivo pelo qual tão pouco conseguimos de fruto no nosso apostolado.

Enfim, Padre Américo, pregue que faz bem a todos e também a nós, padres. Quanto a mim declaro-lhe o seu jornal me tem proporcionado lágrimas de grande consolação. Lembre-se de mim, pedindo ao Senhor que me torne desape-

gado dos bens da terra porque eu encontro a carne tão fraca que quase nem sei se sou sincero quando digo que gostava de ser desapegado. Que o Senhor me ajude.

O texto não diz nada, mas o carimbo do correio diz que a carta é de Leiria. O nome também se não sabe; assina *Um sacerdote.* Também a mim me fez bem a leitura desta carta; ela é como que um eco a falar à alma da gente. E' que eu vejo e sinto que isto de um padre comprar e vender coisas e interesses é tam aceite pela opinião do povo, que às vezes tenho medo de ficar sozinho com a minha teimosia de pregar o sacerdote desinteressado. Fêz muito bem à minha alma, sim, esta carta. E da Beira; Beira da Província de Moçambique. E' uma família que se não é de treze, vale por treze. E' de muito interesse que enfileirem senhores das nossas colónias; amenizam o trajecto, contando como lá é e o que por lá se passa. E de Coimbra. E outra vez de Coimbra; é Uma a valer por cinco. E um sacerdote de Coimbra com dez placas. E' a segunda vez que ele o faz. O que me trouxe o correio, enquanto ia entrando, dizia: *Olha o Padre das placas. E o quarto parafuso da tipografia que Deus traga quanto antes.* E de um seminarista da diocese de Coimbra. Com cem escudos vem esta carta, de onde se lê que o futuro sacerdote tanto deu quanto recebeu. A carta é qualificada. Se esta cartilha andar por seminários e for praticada pelos sacerdotes que de lá saiem, temos apóstolos à vista. E do Porto. E de Caxias. E do Porto a valer por dois e meio. E mais uma prestação de quarenta escudos. E mais cem. E mais uma prestação de uma professora e mãe. E mais pequeninas moedas de prata entregues nas mãos dos nossos pequeninos vendedores. Não é sem formosa intenção que mãos amigas entregam por mão; podiam tê-lo feito de outra maneira. Mas assim é mais sumarento. Mais meia razão do Porto. Mais a primeira prestação de vinte para ficar mais tranquilo de um pesadelo que trago, *que é, como assinante, não ter participado no número dos cinco mil.* Eu chamo a isto a paz verdadeira. A paz que Jesus trouxe ao mundo e deu aos seus primeiros discípulos e quer que todos os mais a gozem. *Um pesadelo que trago.* Nós conhecemos pelos Actos qual não foi o pesadelo dos apóstolos. Morreram deste pesadelo sem nunca terem vivido tranquilos. *Éra a paz de Cristo.* Eu quero que todos os que vão nesta fileira vivam e gozem esta paz. A paz do mundo não. A paz fácil e preguiçosa que não toma atitudes nem confessa resoluções, essa não. E de Lisboa; como sou pobrezinha, envio agora quarenta e fico a dever sessenta. Dívida que se faz por generosidade, é generosidade. E Braga entregue a um vendedor. E Porto idem. E Porto idem. E de Fermil. *E aqui vai a segunda prestação de Coimbra.* Este senhor agradece a ideia das prestações que permitem muitos pobres contribuírem para a nossa tipografia. Ora eu já há muito tempo que descobri isto mesmo e não me canso de dizer que tenho medo de pimpões nesta coluna humilde e mortificada. Se eles viessem, teríamos logo de pôr primeira, segunda e terceira classe, consoante a pimponice de cada um. Assim não. Somos todos pobres. E o Porto. E Famalicão com a segunda prestação. E o Porto a falar assim:

Atravesso há meses uma das mais graves crises económicas da minha vida e só Deus sabe se a conseguirei vencer. Mas não quero que os meus filhos deixem de enfileirar ao lado dos contribuintes da Tipografia. Como não posso dar a importância total duma só vez aí ficam 120\$00 da 1.ª prestação (contando já com o que vai nascer) e todos os meses enviam igual quantia até prefazer os 600\$00. Desculpe, a boa vontade é muita mas as possibilidades são poucas.

Levamos na fileira um nascituro! Eu quisera que ao passar desta, ajoelhassem no chão e chorassem de arrependimento todos os que impedem!... E Anadia. E uma prestação de vinte. E meia dose de Moínhos. E Ovar. Mais esta carta de Lisboa:

Chegou o momento de Deus nos permitir gozarmos o sentido prazer de também podermos contribuir para a «tipografia» dos vossos gaia-tos d'hoje, homens d'amanhã.

«Cem escudos» que de dez em dez se juntaram e que, completados, assim aplicamos contentes e agradecidos a N. S.

O dinheiro dos que trabalham demora muito a juntar porque tem sempre muitos caminhos a

UM SERMÃO

O Apóstolo proibiu as mulheres de falarem nas igrejas. Este sermão é de uma mulher, mas como ela não fala em uma igreja, deixa-se passar. Ora escutem com muita atenção:

Meus filhos

E sempre com os olhos marejados de lágrimas que leio o vosso jornal o Gaiato...

Que obra sublime. Que todos os corações dos generosos Portugueses, se abram para esta obra bemfeitora.

E' preciso abrir mais casas, é preciso alargar o vosso lar, para não deixar por mais tempo essas infelizes crianças ao abandono. Só um coração de mãe sabe sentir a infelicidade desses entes abandonados. Com que tristeza fica o meu coração quando nas páginas do Gaiato leio, mais um, mais dois que se vão embora por não haver lugar no lar do Gaiato, para mais. Aperta-se-me o coração; já estão a mais 45. Portugueses não exiteis, pouco ou muito tudo faz monte, contribui com o que puderdes para aumentar a Casa do Gaiato.

Aí vai o meu óbulo. Jesus sabe que tenho vontade de dar mais, mas não posso.

Um coração de mãe.

Fosse ele uma mulher a assinar e o mal não seria grande. Fosse uma mãe, e não haveria grandes feridas. Mas é um coração; é um coração de mãe, e isto é que faz necessariamente estremecer os corações de todos quantos ouvirem este sermão. O coração a falar! Um coração de mãe a falar!!

seguir; mas as migalhas que nos esforçamos para que fiquem, muito consola reparti-las!

Julgo que a superioridade na alegria dos pobres para com a dos ricos, é pelo facto de serem os primeiros, (na maioria) que maior satisfação têm no distribuir.

Há já 2 quinzenas que não se nos proporciona a leitura do vosso jornal, o único para que arranjo tempo de ler todo inteiro, e muitas vezes no «eléctrico», o que ocasiona duas sensações opostas: uma de prazer, em pensar que essa leitura em trânsito, possa despertar curiosidade nos que observem e até, possivelmente vontade de adquiri-lo também; outra, constrangimento e até remorso, em pensar que estou fazendo vista que não me pertence, gozando dum prazer e dum bem para que afinal não concorro, visto o jornal, que tão cheio de interesse e comoção leio, não me pertencer!

Temos pois sentido a falta desse bem moral que alimenta as boas almas e formará as insensíveis; mas esperamos podermos, em breve, pertencermos ao número dos que têm direito a recebê-lo.

DUM CASAL M.T.O UNIDO E M.T.O AMIGO.

Assina um casal muito unido e muito amigo. Esta assinatura é uma consequência lógica da sua vida. O casamento é uma instituição social e divina. E mais uma prestação. E mais outra.

Continhas:

Atrazado . . .	155
Agora . . .	7

162 contos

P. S.—Uma explicação para ilucidar os novos assinantes que não conhecem o significado desta coluna: Um senhor de Viana, no princípio deste movimento, sugeriu que cinco mil assinantes dessem cem escudos cada um, e estaria paga a tipografia. Ele disse e fê-lo. Um senhor de Coimbra, ao depois, sugeriu o caso de uma libra em oiro. Disse e fê-lo. Ora aqui temos o significado das meias razões e das prestações e de um a valer por dois e de um na marca e de tudo o mais que vai nas massas da coluna. Que os senhores novos assinantes, ao sabê-lo, enfileirem também.

Lêde e propagai
“O GAIATO”

A CAMINHO DO "MIRANTE,"

Senhores leitores do «Famoso», a culpa não é minha, se eu vier a cair do Mirante abaixo.

Bem tenho teimado e refilado em não subir. Tenho vertigens. Não nasci para escrever.

Mas teimam, refilam, convidam, aliciam e até ameaçam.

Ainda ontem, do Tojal, os fios do telefone me fizeram chegar aos ouvidos esta ameaça terrível: «ou escreves, ou...»

Cá para mim, recordando-me de tantas histórias bravas lidas noutros tempos, acrescentei mentalmente: «...morres». Mas não; o sentido era este. Queria dizer: «ou escreves, ou hás-de dormir descalço». Perante isto, não há que resistir. Tenho que tentar escalar o monte, ferir os pés nas pedras, se os sapatos não aguentarem, subir os degraus do afamado Mirante, com grave risco de, ou quebrar as canelas, ou descreditar antecessores, ou ficar sem pescoço e cabeça, de tanto puxarem os de cima, e empurrarem os de baixo e de lado.

Nem falta de geito, nem mingua de tempo, nem excesso de trabalho, nem saúde precária — tudo isto é verdade — nada demove os possíveis gozadores dos meus disparates no grande «famoso».

Chego quase a pensar que, perante tanta violência, cessará a minha responsabilidade, inversamente proporcional àquela.

Um mirante é uma coisa séria, muito importante para aprendiz, muito alto, donde muito se vê, mas também donde muito se é visto. Ora aqui é que está o gato: tenho receio de ver de mais ou de menos, de ser visto de menos, ou de mais.

Lugar desamparado, sopram os ventos com muita força e eu sou leve, pele e osso. Ando farto de pensar nisto e tudo receio, senhores leitores.

Posta assim a questão, todos serão menos justiceiros do que benévolos e, nesta esperança, vou sujeitar-me a acrobacias, tentar subi-lo.

* * *

Queria — como primeira experiência de quem sobe às alturas a fazer alpinismo — ter a sensação de mais perto de Deus, a maior e mais vivida certeza de quem, dentro, ou fora, trabalha em obras destas.

Lembrando o Sinai da Lei, o Gólgota da Cruz, o Tabor da Transfiguração e talvez da Ascensão, queria ir com três guias infalíveis: fé, esperança e caridade — únicas e misteriosas alavancas suficientemente poderosas para nos prenderem cá. Fé em Deus acima de tudo, fé nos homens, apesar de tudo; esperança iniludível em Deus, condicionada no muito que os homens dariam (tremendo condicional!) no pouco que virão a dar; caridade, cúpula da perfeição, desejo sincero, imenso de ver, um dia, os homens deixarem-se vencer pela parcela de bondade escondida em cada um, de ver diminuir à luz deste sol divino, dia a dia, as ervas más dos vícios e defeitos dos que vêm a nós, e, em seu lugar, crescer vagarosamente, persistentemente, as boas qualidades humanas a completar, a sublimar pelas da sobrenatureza.

Sim. Quero experimentar estas sensações, no Mirante.

Com elas, é absolutamente compatível a lembrança de que o mestre pegou no azorrague e que, mesmo nessa altura, castigando os erros, amou os homens, e também esta de que quem monda, por muito cuidado, ao arrancar ervas más, se sugela a ferir boas, não o querendo.

Sendo assim, vou ver se consigo não cair, não ficar sem cabeça e sem pescoço e não partir as canelas nos degraus.

Muito sacrifício — verei se consigo não negar este a quem alguns tem pedido. Gostaria que o o mirante fosse às tocas onde vivem irmãos nossos, levasse luz a alumiar os degraus partidos, os caminhos escorregadios, os papéis a servir de colchão e os farrapos de cobertor. Sobre tudo que os olhos dos que lá moram não tivessem medo dela, da luz, tão desconfiados dela, tão habituados à escuridão.

Gostaria de trazer este cortejo triste a arejar ao mirante, para os olhos dos que não costumam curvar-se a estender a mão aos que rastejam, ao menos, os vissem, quando a respirar o ar puro das alturas da Caridade.

Já que fazer descer os de cima é mais difícil, ao menos trazer os de baixo da escuridão, à luz.

Muito mostraremos da nossa vida. Diremos das nossas alegrias e tristezas e dores e angústias e dificuldades.

Se amar é fazer-se a gente como o próximo, identificar-se com ele, chorar com os que choram,

Nós vamos a Braga

Vamos sim senhor. E' no próximo dia onze de Junho. Vai uma camionete deles. Vai o Sejaquim. Da Casa do Porto vão o Licínio e o Piólho, vendedores de Braga e responsáveis pela nossa festa. A's vinte e uma horas e quê devemos estar todos no palco a agradecer ao senhor Costa e à Comissão, e a deslumbrar o ilustre público: Ele variedades, ele castanhetas, ele orfeão, ele discursos; e por fim o documentário da nossa aldeia. Espera-se que a casa seja pequena e que muitos digam mal da sua vida por não poderem entrar. Também se espera que as inúmeras obras católicas da cidade não façam beicinho e sejam católicas.

UM TRAÇO

O Cête veio-me aqui dizer que há uma data de Senhoras e Senhores que não atam nem desatam, e estão dados nas suas fichas por assinantes prováveis. Ora isto vem-se arrastando há um rôr de tempo e o rapaz lembra que é melhor fazer serviço certo; ou sim ou sôpas.

Eu acho bem e eis a resolução que se tomou: O presente número leva interiormente um traço a lápis encarnado. Se isto não der faísca, faz-se o mesmo no segundo número e às três vezes é de vez; isto é, quem se não explicar, em vez de ser no jornal é na ficha do assinante provisório, que nós fazemos o risco definitivo e pronto. Peço ós senhores que não tomem a mal, pois nós temos de andar prá frente.

O nosso jornal não é aquele género de queira fazer o favor de assinar para nos ajudar.

Não é; o nosso jornal ajuda mas é a quem o lê. E' assim que nós compreendemos e é assim que nós actuamos. Quem não quer que dê lugar a outrem. Ora vamos a ver quantos se erguem de entre estes dois mil prováveis com a bandeira de certos. Vamos a ver.

Excursões a Paço de Sousa

Nós apreciamos sobre maneira a presença do visitante silencioso e curioso. Eles são muitos. Eles repetem as visitas. Eles desejam ver mais e nós desejamos que eles venham sempre. Não vêm dar; vêm receber.

E também apreciamos as Excursões. E' um mundo que vem ver um mundo novo; uma coisa nova. Nós apreciamos e não se nos dá que elas venham.

Porém, que os seus organizadores saibam e compreendam que visitam um Santuário; um Santuário de Almas. Que não venha a rua ter com aqueles pequeninos libertados da rua. Acabo de ler a notícia de uma Excursão de algures para o dia dezanove de Junho, creio eu, com um grande cartaz de musicas e bailes campestres. Não pode ser. Ou alterar o programa ou mudar o rumo da excursão. E mais nada.

alegrar-se com os que se alegram — sabemos de antemão que os nossos amigos farão suas as nossas alegrias e as nossas lágrimas e farão o possível para as remediar.

Vamos todos ao Mirante, que não nos havemos de dar mal.

P.^o MANUEL

Lar do ex-Pupilo

A' semelhança dos anos anteriores, teve lugar, na altura devida, a desobriga colectiva dos rapazes do Lar. Houve o tríduo de preparação feito pelo nosso Rev.^o Amigo P.^o Póvoa dos Reis, que nos iluminou o espírito para aquela sublime e magnífica ascensão ao reino divino. Na tranquilidade de consciência, todos os rapazes compareceram à solenidade do acto, aproximando-se da Mesa Eucarística numa jornada verdadeiramente de Fé e de Amor. Celebrou o sr. P.^o Manuel, na Capela do Asilo da Infância Desvalida. A' prática, exortou-nos a sermos firmes e intransigentes na rectidão do carácter, e termos uma vontade esclarecida e decidida; que pautássemos, em todos os actos da nossa vida, uma conduta irrepreensível, de harmonia com as ideias que definem a dignidade humana.

Não podemos deixar de destacar, entre tanta beleza, a atitude de dois pupilos que haviam sido suspensos da comunidade, em virtude de terem cometido faltas graves, que brigavam com os princípios das constituições do Lar. O tempo de suspensão coincidiu com o tempo da Quaresma, mas eles não deixaram de vir cumprir o seu dever de cristãos. Vieram espontaneamente, sem qualquer estímulo ou comando forçoso da parte dos companheiros. A atitude deles sensibilizou-nos e a sua presença foi para nós um belo exemplo de gratidão e uma oportuníssima lição de moral.

A nossa comunhão trouxe-nos o bem estar da alma, a serenidade do dever cumprido. Porque somos seres imortais e não *simples animais no tempo*, só conseguiremos mitigar a nossa sede de infinito se dermos à vida um sentido de meio para alcançarmos o último dos fins: — a bemaventurança do reino dos Céus.

Está a fazer um ano que partiram para terras de A'frica os nossos primeiros colonos. Foram quatro dos nossos rapazes, com suas respectivas mulheres, embalados na saudade da família, dos camaradas e do Lar, mas esparançados no futuro porque a vida sorria-lhes. Levavam a mensagem concreta e palpável da Obra da Rua, da Obra que lhes havia amparado os passos nas primeiras caminhadas da vida prática, onde sentiam o contacto da flagrante angústia dos problemas do mundo.

Mãe carinhosa que os recebeu e acolheu no trepidar das incertezas, a Obra da Rua não podia ficar-lhes esquecida nos sucessos e insucessos da vida além mar. E assim, mal chegaram ao destino, comunicaram para cá de como havia decorrido a viagem, as mudanças e andanças que tiveram, as contrariedades que sentiram, a solidão que encontraram... Mas foram vencendo, aqui e acolá, os escolhos que sempre aparecem enquanto se não estabiliza o rumo normal da vida; e hoje, passado um ano, encontram-se perfeitamente à vontade, com todas as incertezas dominadas. Mal vai ao homem se deparar só rosas no seu caminho. Esquece a sua humanidade. Os espinhos, os ventos contrários, as contrariedades — tudo é necessário para que haja luta e se possa mostrar virilidade no cadinho do sofrimento.

Em Abril deste ano, lá foi mais um — o José Simões mais a sua mulher Celeste. E' irmão de um dos quatro que partiram primeiro. Assim que chegou, escreveu-nos:

«Chegamos muito bem, graças a Deus. A Celeste foi uma valente, não enjoou nada, e eu também. Fizemos uma viagem maravilhosa, que demorou um mês para o Lumbo, que é onde estamos. Quando chegamos a Luanda, fomos encontrar a Maria Armanda no Hospital, com um Bébé muito lindo; ela e o Chico estão radiantes. — Em Lourenço Marques, também encontramos a minha cunhada no Hospital com uma menina, que ainda fomos registar com o nome de Elizabeth Maria da Fonseca Simões. O nome é bonito, não é? — O Abel também tem um menino muito lindo. Eles agora já se encontram todos muito bem. Quanto a mim, ainda não estou a dirigir a oficina porque ainda não está pronta; estou nos escritórios, por enquanto.»

Dá notícias suas e dos companheiros que já lá estavam. Comunicação de vida, de vida que se não destroi porque é vida de Família cristã, abençoada no augusto sacramento do matrimónio indissolúvel. Vida familiar que se perpetua nos filhos legítimos, frutos de um amor-união que se mantém, não se desmorona porque está bem alicerçada nas raízes de uma solidariedade indestrutível e contrasta com as uniões fugazes que são efémeras como o tempo que as consentiu. Filhos legítimos que são o enlevo dos pais, a consolação das necessárias águas da vida, o mais perfeito erisol de salvaguarda da raça e da humanidade.

H. F.

